

Família e vida. O associacionismo inspirado nos valores cristãos deve multiplicar esforços para promover, sustentar e defender. Melhor “prevenir opções erradas do que dever combatê-las depois”. Melhor “intervir tempestivamente quando estão em discussão propostas perigosas para a família e a vida” do que ser obrigados a correr atrás depois. Porém, a este respeito é oportuno orientar-se sempre ao diálogo, não raciocinar de maneira ideológica, nunca levantar a voz e arriscar a exasperar os conflitos. E ainda é necessário “privilegiar a estratégia da proposta, mostrar a racionalidade de nossas ideias, baseando-nos sobretudo nos fatos.”

São os conselhos do Cardeal Kevin Joseph Farrell, que desde o 15 de agosto passado, é o Prefeito do novo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

Nesta entrevista, a primeira na qual o Cardeal expressa de maneira detalhada e profunda as suas opiniões, enfrenta uma série de questões a partir do tema da “Jornada para a Vida”, porém se amplia a considerar outras questões fundamentais: da crise demográfica à emergência educativa, da necessidade de acompanhar os jovens ao casamento à necessidade de renovar a pastoral familiar.

- 1) Há 39 anos a Igreja italiana celebra no primeiro domingo de fevereiro a “Jornada pela vida”. Mas em todo o Ocidente, exceto na França, a taxa de natalidade está caindo acentuadamente, bem abaixo da taxa mínima para a substituição natural da população. As causas são econômicas, sociais mas também culturais, como se os nossos jovens tivessem perdido a esperança no futuro. Quais, em sua opinião, as causas desta situação?**

Há anos a Europa vive o assim chamado “inverno demográfico”. Há que se preocupar seriamente, e em vários níveis. A principal culpa não é dos jovens, mas da cultura econômica e política, que é individualista, materialista, consumista e utilitarista. Esta última, no entanto, é míope, porque a taxa de natalidade traz sérias consequências econômicas, sociais, culturais. Já em alguns países, é insustentável o pagamento de pensões e assistência aos idosos, devido à falta de recursos financeiros e humanos. Nem mesmo a imigração poderá ser suficiente para preencher os vazios e, além disso, se não for bem governada, pode comprometer a continuidade dos povos europeus e a transmissão do seu patrimônio cultural. Neste sentido, o inverno demográfico, com o aquecimento da atmosfera deveriam realmente nos preocupar.

A dificuldade dos jovens de esperar no futuro tem a ver com esta grande crise da Europa, o que preocupa a igreja e as famílias, mas começa a preocupar também a política. É a crise da civilização dos indivíduos, dos solteiros (ver o crescimento de solteiros por opção), que pode iludir os jovens, em particular, dando a impressão de uma maior liberdade, mas na realidade é o oposto. É significativo que, a partir de recentes pesquisas, que entre as pessoas que se declaram mais felizes, o percentual é maior entre os casados que entre solteiros.

O desânimo de tantos jovens mostra por detrás uma outra crise ligada à família, a da educação. Os filhos precisam de seus pais, é indispensável para o seu equilíbrio psicológico, humano, para a educação aos valores fundamentais e às virtudes sociais; às crianças de hoje muitas vezes não têm os pais, ou porque são separados ou são ausentes; daí o aumento da fragilidade psicológica, o sentimento de indiferença e insensibilidade. Tudo isso, ainda que sucintamente, mostra o quadro da crise da família, especialmente na Europa.

Por outro lado na própria Europa está crescendo uma certa atenção para os bens que são a vida e a família exatamente a partir da questão demográfica. Existem vários estudos e recomendações das instituições europeias sobre a promoção de políticas favoráveis à família (Criação de serviços de assistência às crianças, apoio à educação e cuidado dos filhos, a proteção à maternidade contra a discriminação no emprego, a conciliação da vida profissional e familiar, prevenção do abandono de recém-nascidos). Em geral, eu diria que não só na Europa mas também em outras partes do mundo, embora em áreas muito diferentes uma da outra, há também exemplos de famílias, incluindo as famílias numerosas por escolha consciente, assim como existem muitos movimentos, associações, formas de associação e de redes entre as famílias que são um bellissimo sinal de esperança.

2) Mesmo o Papa, como escrevem na mensagem os bispos italianos, indica frequentemente a necessidade de “sonhar alto” para ajudar os jovens a encontrar a coragem “para tornar suas vidas uma família”. Como a Igreja pode ajudar tantos jovens indiferentes ou desconfiados do nosso tempo a inserir no seu futuro um projeto de família?

Como mencionei, as mesmas pesquisas sociológicas mostram que os jovens, um pouco como os adultos, têm no topo da escala de seus valores a família estável e a família com filhos. Na Itália inclusive 91% dos entrevistados colocam no topo dos valores a família, em segundo lugar, o trabalho, em seguida, a religião e a política. Nos ideais a família é ainda presente, porque está escrita no coração das pessoas e no coração de Deus; Além disso, naturalmente, há também muitas dificuldades psicológicas, culturais, econômicas, que fazem procrastinar a formação da família e tornar sempre muito incertos e inseguros os jovens antes do casamento e mesmo depois. Temos de criar de novo e melhor, um ambiente mais favorável à família, tanto na sua formação, como na sua manutenção.

3) Na situação de crescente descontentamento com relação ao casamento, a Igreja, como parte integrante da sociedade, quais culpas se reconhece? Papa Francisco explica que "às vezes apresentamos um ideal teológico do matrimônio muito abstrato, construído quase artificialmente, longe da situação concreta..." (AI, 36). Quanto pesou em sua opinião, esta pretensão de interpretar a realidade com parâmetros apenas eclesiais?

Tudo parte de como se educa ao amor. Isto põe em causa, com as famílias, a Igreja em si. O desejo do próprio bem é espontâneo e poderoso. Mas o amor de desejo se deve compenetrar com o amor de doação; a busca do próprio bem deve estar em harmonia com a busca pelo bem dos outros. Podemos ser verdadeira e plenamente felizes somente juntos. Precisa fazer a experiência da verdade que “Há mais alegria em dar do que receber” (Atos 20,35). Caso contrário, não há educação para o amor. Se já o dom é alegria, ainda maior é a alegria do dom recíproco, da dedicação recíproca ao bem do outro. Na dinâmica do amor, desejo e dom, deve ser integrada a sexualidade. Foi justamente dito que a diferença entre os sexos é altruísmo escrito no corpo e na alma. O sexo é a linguagem e energia para comunicar e ajudar-se reciprocamente a crescer. O verdadeiro significado se realiza quando o prazer, o sentimento de ternura e dom recíproco total são unidos em uma experiência complexiva. Justamente Bento XVI afirmou que a Igreja não deprime, mas exalta o *eros* e a sexualidade.

Hoje é um preconceito muito comum considerar a igreja inimiga do amor humano e da alegria de viver. Devemos repetir constantemente, em cada ocasião oportuna, que a verdade é

justamente o oposto. Para esta grande tarefa da educação são indispensáveis os casais, animadores de outros casais, em vista da educação ao amor das mesmas crianças, dos adolescentes e dos jovens; assim também a preparação dos noivos para a vida conjugal com um itinerário de fé e de vida cristã, doutrinária e prática.

Quanto às falhas da Igreja, gostaria de reiterar que a Igreja, como obra de Cristo voltada a comunicar a vida da graça e a verdade salvífica, é santa; mas os seus membros, homens e mulheres deste mundo, são mais ou menos santos, mais ou menos pecadores. Portanto, na Igreja há luzes e sombras. Infelizmente, muitas vezes, e, especialmente, os meios de comunicação, ignoram as luzes e enfatizam as sombras. Assim, na opinião pública se forma uma imagem parcial e distorcida da Igreja.

4) Sobre *Amoris laetitia*, entre as atribuições do novo Dicastério do qual é responsável, há também o de promover a sua difusão e o conhecimento em todo o mundo. Que dificuldades vê em atingir este objetivo? Crê que as muitas críticas que acompanham a Exortação pós-sinodal, incluindo aquelas que vêm de dentro da Igreja, podem alimentar a desconfiança nas palavras do Papa?

Em vez de pensar nas críticas e ao compreensível debate que acompanha cada documento pastoral e magisterial, eu gostaria de sublinhar especialmente como a Exortação “*Amoris Laetitia*”, pede-nos, em primeiro lugar, trabalhar para uma profunda renovação da pastoral familiar, e para isso são necessários os agentes pastorais.

O objetivo concreto e prioritário da pastoral familiar deve ser a formação em cada paróquia de um grupo de famílias cristãs exemplares, conscientes da sua missão na Igreja e na sociedade. Certamente não serão, mesmo eles, famílias perfeitas; mas que eles estarão prontos a reconhecer as suas limitações e seus pecados; Eles se comprometem seriamente a recomeçar a sua jornada diária de conversão, tentando viver cada vez mais coerentemente de acordo com a verdade do evangelho; não julgando os outros, evitando considerar-se melhores do que outros, porque só Deus conhece o coração das pessoas e sabe como medir as suas responsabilidades. Dessas famílias se escolhem alguns casais animadores para realizar as principais atividades específicas da pastoral familiar, dando-lhes uma preparação adequada.

A principal tarefa do novo Dicastério é somente servir de apoio e promoção desta renovada pastoral familiar que tem alguns capítulos centrais: a) A educação ao amor cristão, começando pelas crianças e adolescentes; b) A preparação dos noivos para o matrimônio. Hoje não é mais possível dar por certa *a priori* a visão cristã do matrimônio com seus valores de unicidade, fidelidade, indissolubilidade e abertura à vida; é necessária uma preparação séria, feita por um longo tempo, não só com a transmissão de conteúdos e assuntos doutrinários, mas, principalmente, através do exercício prático da vida cristã; c) apoio aos cônjuges para a sua formação continuada, especialmente para os casais jovens; d) a proximidade com as famílias incompletas ou que coabitam: acolher as pessoas que estão em tais situações e integrá-las na fraternidade eclesial, fazendo com que se sintam amadas por Deus em primeiro lugar; respeitá-las, ouvi-las, envolvê-las em experiências concretas e atividades eclesiais, começando pela Missa dominical; incentivá-los a fazer o verdadeiro bem do próximo, mesmo quando custa sacrifício; e) promover as Associações Familiares de participação cívica, a defesa dos direitos da família.

5) Voltando à mensagem para a “Jornada”, os bispos ainda recordam a atenção do Papa para o cuidado das crianças e dos avós? Também neste caso se trata de pessoas situadas à margem das sociedades ocidentais. O que se pode fazer para inverter esta “cultura do descartável” e voltar a apreciar a vida em todos os seus aspectos e momentos, desde a concepção até a morte natural?

Antes do cristianismo (por exemplo, em Esparta, em Roma, entre os povos alemães, entre os povos eslavos) eram difundidos e legitimados o aborto, infanticídio, o abandono de bebês, a redução destes à condição de escravos, o matrimônio de menores sem o seu consentimento pessoal. A Igreja reprovou estes crimes. O exemplo e o ensinamento de Jesus que pôs os pobres, os fracos, as crianças no centro do Reino de Deus (cf. Mt 18,1-6; 19,13-14; 25:40; Mc 10,13-16) constituiu um premente apelo a olhar com novos olhos os menores e cuidar deles com amor. A este respeito são muitos os sinais de caridade cristã espalhados ao longo dos séculos: acolhimento de crianças expostas, a adoção nas famílias, orfanatos, mitigação do castigo corporal nos métodos educacionais, escolas para os pobres, pedir o consentimento para o casamento e, portanto, susceptíveis de aumentar a idade idônea.

É necessário que a consciência civil condene sem hesitação e sem ambiguidade as numerosas violações dos direitos das crianças que continuam a ser cometidas no mundo: massacres de guerra, o uso de crianças soldado, o tráfico para transplantes de órgãos, experimentações farmacêuticas, violências físicas, sequestros, insuficiente ou má alimentação, falta de cuidados de saúde, discriminação dos deficientes, privação de educação, a exploração do trabalho, coerção para mendigar, roubar, vender drogas, prostituição, pedofilia, abusos sexuais, pornografia, matrimônios impostos precocemente, a mutilação sexual, a exploração da imagem para fins comerciais, negação da justiça devida.

O cuidado das crianças vem de seus direitos naturais e originais: o direito de ter um pai e uma mãe para poder se relacionar, desde a mais tenra infância, com duas pessoas de sexos diferentes, que se amam e que o amam, e assim ser capaz de construir uma clara e sólida identidade, uma personalidade definida; o direito de crescer com seu pai e sua mãe, de ser amado e educado por eles; o direito de ser ajudado a adquirir autoestima, a confiança, a segurança, o senso da realidade e do limite, a harmonia psíquica, maturidade progressiva; em caso de adoção, o direito de ser confiado a um casal formado por um homem e uma mulher unidos em matrimônio, que ofereça garantias suficientes de harmonia e estabilidade.

Mesmo os avós têm direitos e respectivas funções, começando com a de ser testemunhas da fé, além do fato que, em muitos aspectos, os avós compensam as deficiências e as necessidades da geração adulta em relação aos netos. Tocaram-me algumas imagens de avós em relação aos netos. Há *avós-pelúcia* que derramam mimos e carinho, quanto mais sentem os pais distantes ou severos; há *avós-políciais*, capazes de rastrear as falhas dos netos, se percebem os pais também permissivos; há *avós-pochete* que dizem sempre e de qualquer modo sim, prontos a sustentar filhos que se tornaram pais; e ainda *avós-vigias* que controlam o território; *avós-instrutores*, prontos a dizer ‘como se faz’ para qualquer coisa; e assim por diante. Há uma substituição por parte dos avós, especialmente em anos de crise, também em termos econômicos e até mesmo em termos de fé. O avô é uma testemunha do tempo que passa, um tempo que deixa traços e fala de esperança.

6) Os bispos italianos apontam o dedo contra “uma economia irresponsável que gera guerra e morte.” Há em seu parecer margens para assegurar que o compromisso da Igreja se traduza em decisões econômicas diversas?

A constante referência à doutrina social da Igreja, amadurecida e aprofundada há mais de um século, com a riqueza de todo o magistério social dos últimos papas. Eu gostaria de lembrar, no entanto, a partir dos últimos encontros mundiais das famílias, a indicação unânime de que, para superar a crise atual, é necessária uma revolução antropológica antes da econômica. Só redescobrimo o homem como sujeito essencialmente relacional e cuidando da boa qualidade das relações, se poderá construir a confiança entre as pessoas e entre os sujeitos sociais, reabilitar o mal-estar existencial, superar a crise da economia e da família. A prova é que a cultura do individualismo é acompanhada pela cultura utilitária, que tem seu principal terreno de cultivo na economia moderna, teórica e prática. O mercado é governado pela maximização de seus lucros e a busca do lucro máximo a qualquer custo. A competição, que até certo ponto é fisiológica, é patologicamente exagerada e torna-se antagonismo e conflito. A solidariedade é localizada em uma fase de redistribuição da riqueza. Do mercado a mentalidade utilitarista é transferida para as relações interpessoais.

O mercado excessivamente competitivo também gera a mentalidade consumista como se a felicidade dependesse da quantidade de coisas que se possui ou das experiências que se faz. O individualismo, o utilitarismo e o consumismo pode obter um determinado bem-estar econômico; mas certamente procuram o mal-estar existencial e corroem como um verme a estabilidade familiar e a coesão da sociedade.

7) No que diz respeito a este compromisso eclesial particular, que é o que o Papa solicita na “Laudato si”, vê diferenças de sensibilidade entre as comunidades da América do Norte e europeias?

Ambas as comunidades se assemelham e compartilham muitos aspectos da cultura, do bem-estar, dos assuntos sociais, políticos, históricos; as economias estão interligadas; a comunicação é estabelecida nos mesmos modelos; sobre muitas coisas eu não saberia dizer qual dos dois continentes é o mercado do outro, mas ambos fortemente condicionados e interagindo com outros países e povos do mundo. E além disso, como em um só organismo humano, são exatamente as famílias a indicar sua condição de saúde ou doença, porque é antes de tudo nas famílias que se formam as virtudes sociais. Também o mercado, que é a instituição de intercâmbio utilitarista por excelência e que domina seja a sociedade americana que a europeia, precisa da família e será, ao mesmo tempo, mais civilizado e mais competitivo, se for capaz de ver o lucro como uma ferramenta em vista de fins humanos e sociais. Cada sociedade se tornará uma amiga da família na medida em que seja capaz de percebê-la não só como uma soma de indivíduos para auxiliar em suas necessidades (crianças, jovens, deficientes, idosos), mas como um recurso indispensável, um sujeito comunitário com importantes funções sociais. Todos os povos, sem a procriação dos filhos, morrem; sem a educação das crianças regridem. A melhor garantia para a natalidade e para a sadia educação é a família fundada no matrimônio entre um homem e uma mulher. A família é, portanto, um sujeito de interesse público, e deve receber um apoio adequado da política.

8) Na mensagem para a “Jornada” também se recorda a obra de Santa Teresa de Calcutá em favor da vida. Uma testemunha brilhante que recolheu o clamor de tantas pessoas inocentes. Não acredita que a Igreja deveria multiplicar os esforços para indicar testemunhos que, como Madre Teresa, sejam capazes de traduzir em escolhas concretas, a palavra do Evangelho?

Quando saiu a notícia da canonização de Madre Teresa, houve uma onda de alegria em todos os lugares, pelo reconhecimento do seu trabalho em favor da vida, dos inocentes, dos mais pobres. No entanto, além do heroísmo cotidiano de sua vida, devemos reconhecer especialmente o seu programa missionário e das suas irmãs: amar os outros de modo que eles se sintam amados não só por nós, mas por Deus através de nós, porque a pobreza maior é a de não se sentir amado nem mesmo por Deus. Hoje toda a Igreja venera a Santa Madre Teresa, a incansável missionária da caridade, mãe dos pobres, a mãe de milhares e milhares de crianças, preservados do aborto em virtude de sua súplica sincera “Dê-lhes para mim, se vocês têm medo de tê-los”. Com Madre Teresa, numerosos são os testemunhos luminosos neste campo. Nesta jornada pela vida recordo e convido a também honrar o professor Jerome Lejeune, o grande cientista, considerado o pai da genética moderna, médico solidário e carinhoso com os doentes, defensor corajoso da vida desde a concepção, primeiro presidente da Pontifícia Academia para a Vida. E tantos outros.

9) A última pergunta que eu gostaria de reservar para as suas esperanças pessoais a propósito da vida e da família. E o compromisso que a Igreja deve reservar a estas duas realidades fundamentais. Olhando para o futuro, qual é a sua expectativa? Que estratégias o senhor acredita devem ser postas em prática para ajudar e acompanhar as transformações da família na fidelidade aos valores de sempre?

A família é um direito humano fundamental e como tal tem sido até agora considerada na história dos povos, até mesmo fora do cristianismo. Mas Jesus fez do matrimônio um sacramento e da família uma igreja doméstica. Isto significa concretamente que a família cristã é chamada a ser, de uma forma única e insubstituível, participação, sinal e presença de Deus, mesmo em meio a tribulações, na medida em que se vive o amor como dom de si ao outro e como comunhão interpessoal.

Olhando para o futuro, um motivo de esperança são as minorias, que amadurecem uma convicta escolha de fé em Jesus Cristo e decidem vivê-la coerentemente nas relações e atividades diárias (por exemplo, pequenas comunidades, movimentos, associações). O testemunho destas minorias é a maneira mais eficaz para irradiar o evangelho e atrair as multidões a Cristo, em várias medidas, de acordo com sua correspondência à graça.

A atenção e a ação da Igreja, em todos os níveis, deve se concentrar sobre estes três aspectos estruturalmente relacionados entre si: a educação teórica e prática de crianças e jovens ao amor cristão; a séria preparação dos noivos para o matrimônio através de itinerários de vida cristã compatível com as diversas situações espirituais, culturais e sociais; a formação contínua dos cônjuges, especialmente os casais jovens, por meio de encontros periódicos, experiências comunitárias, redes de espiritualidade, de amizade e de solidariedade. Deus ama todas as pessoas e a Igreja espera e se esforça para a salvação de todos, mas o faz primeiramente através dos cristãos santos e das comunidades fervorosas.

Para Associações familiares, especialmente aquelas envolvidas no campo social, o renovado convite de manter, na medida do possível, uma postura de diálogo construtivo com os adversários políticos e ideológicos. Os católicos compartilham os valores modernos autênticos: a igualdade das mulheres; a liberdade de pensamento, de expressão, de religião; laicidade do Estado entendida como respeito e valorização do pluralismo cultural e religioso da sociedade civil. O convite é também o de procurar, na medida do possível, prevenir as escolhas erradas, em vez de ter que então lutar depois. Intervir tempestivamente quando há discussões propostas, perigosas para a família e a vida. Devemos dar prioridade à estratégia da proposta, mostrar a razoabilidade das nossas posições, principalmente com base nos fatos. Inúmeras pesquisas sociológicas, realizadas em vários países, mostram que a

família natural, mesmo quando não é completamente bem-sucedida, traz muito mais benefícios e menos danos para a sociedade que as famílias separadas. Estes dados devem ser cuidadosamente estudados; devem ser colocados de novo para debate fortemente na opinião pública, às classes dominantes e aos políticos.